

Morro da Conceição, patrimônio histórico

Nina Rabha arquiteta

No início dos anos 70 fui apresentada ao Morro da Conceição. Quem promoveu o encontro foi o professor de desenho artístico do curso de Arquitetura, o artista e cenógrafo Anísio Medeiros. Suas aulas eram externas, conduzidas para obtenção de registros desenvolvidos com percepção e sensibilidade de diferentes trechos da cidade. Por conta do exercício do desenho, nunca me esqueci dos lugares que visitamos. Mas a pequena colina próxima ao Centro, ao lado do porto e da Avenida Rio Branco, registrada como um oásis de tranquilidade, deixou uma marca muito especial. Na memória permaneceu a defasagem do ritmo da vida e a dimensão do tempo, completamente dissonante do vigente no Centro da cidade, apesar da vizinhança imediata e da separação entre áreas estar restrita a uma escadaria, como único elemento de transição.

Mais de trinta anos me separam daqueles tempos de estudante. Neste período muita coisa mudou no ensino da arquitetura e na cidade, mas muito pouco foi alterado das características instigantes e inusitadas do Morro da Conceição. Durante este tempo, alimentada pela busca de respostas, juntei informações, participei de pesquisas e ampliei meus contatos com o morro. Consegui assim reunir dados de uma história que, numa rápida síntese, pode ser repassada.

No resgate da origem da ocupação do Rio de Janeiro, dos quatro morros que balizavam a cidade colonial até 1808, quando a Família Real portuguesa aqui desembarcou, apenas dois foram preservados, São Bento e Conceição. No primeiro, ainda permanecem o mosteiro e a igreja, monumentos históricos de grande significado da cidade. No último, é o mais antigo uso, o habitacional, que se mantém, ainda que persistam bens de alto valor para o patrimônio edificado, como o Palácio Episcopal, antiga sede do bispado, e a Fortaleza da Conceição, construída para proteger a retaguarda da cidade após as invasões francesas no início do século 18, e hoje serve a instalações militares.

Em função da moradia, o Morro da Conceição cristalizou-se como memória permanente da origem portuguesa do Rio de Janeiro, conformando um bairro alto, repleto de construções antigas, casas baixas, coladas umas às outras, abertas ao convívio das ruas. Na sua arquitetura não existem elementos destacados, sendo seu maior valor a própria homogeneidade do conjunto edificado, considerado excelente exemplo da codificação realizada pelas classes populares dos padrões ou estilos arquitetônicos outrora dominantes. Outra marca de forte identidade está no espaço público, na malha viária composta por ladeiras, travessas, becos, escadarias, largos e um adro, único logradouro assim denominado com função residencial na cidade. Das nove possibilidades de acesso ao morro, duas são compatíveis ao fluxo de automóveis.

Sendo um local com características tão distintas das usualmente associadas ao Rio de Janeiro cosmopolita, impessoal e inseguro, nos últimos anos ganhou certa notoriedade e passou a ser inserido nos roteiros turísticos desenvolvidos para exploração do Centro Histórico, enfatizando a paisagem com escala, ritmo, ambiência, vizinhança e desenho urbano remanescente da antiga cidade que se perdeu em nome do progresso e do crescimento. A maior exposição trouxe consigo indícios de um processo de enobrecimento provocado pela chegada de novos moradores, artistas ou intelectuais, atraídos por baixos preços dos imóveis, pela excelente localização e pela possível valorização futura. Menos divulgado e numericamente mais significativo, no entanto,

é o crescimento que vem ocorrendo na população residente em seus segmentos de renda mais baixa, mais jovem, com pouco tempo de moradia na cidade e por isso, menos envolvida com tradições e elementos do passado.

Todas estas indicações habilitaram o Morro da Conceição como área prioritária para a implantação de programas de recuperação e reabilitação urbana. Seu tratamento diferenciado era inclusive uma recomendação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan, desde o início dos anos 80. Infelizmente tais iniciativas não se concretizaram e os resultados da ausência de conservação, do envelhecimento da infra-estrutura e da degradação das construções podem ser facilmente detectados. Menos explícitas e completamente fora do controle são as alterações na composição da população residente, contabilizando perdas expressivas com relação aos mais antigos moradores.

Daí começam as incógnitas sobre o futuro do Morro da Conceição. Apesar da existência de projeto para recuperação dos espaços públicos - proposto desde 1997 e atualmente inserido no plano de revitalização da região portuária -, das ações concretas de promoção de novas alternativas habitacionais subsidiadas pela municipalidade, dos esforços para restauração de bens tombados no plano nacional, como a Fortaleza da Conceição e a Igreja de São Francisco da Prainha, não há, ainda, práticas no desenvolvimento de ações bem-sucedidas para lidar com áreas residenciais antigas, que resultem na preservação de seu conteúdo social original. As tentativas infrutíferas de recuperação do Morro da Conceição parecem indicar, como única possibilidade da sua concretização, uma vinculação à revitalização do Porto do Rio, quando então o morro terá potencializada sua localização estratégica, sendo sua paisagem construída o perfeito cenário para as atividades turísticas de alto valor agregado.

A questão decorrente é que estarão perdidas as referências culturais, os mais fortes elementos do patrimônio cultural, qual seja a população local. Na reunião de justificativas para afirmação, num enfoque de macroescala, repousa na permanência do uso residencial, com sua arquitetura singela e seus espaços intimistas, a identidade espacial que atribui ao morro individualidade no conjunto urbano. Por outro lado, na microescala, nos relatos de seus antigos moradores registra-se a construção de uma memória sólida e concreta, moldada com segurança que parece advir da existência de um "porto seguro", capaz de oferecer um "ângulo especial de observação do mundo". No morro, as ruas e casas têm alma e história e a cidade é conhecida e lembrada em detalhes, com riqueza poucas vezes encontrada no cidadão comum.

Este filme é um registro eloqüente do caráter notável do Morro da Conceição, expondo seu valor intangível, sua colocação como patrimônio imaterial. É uma iniciativa que perpetua sentimentos, relações, amores. Registra lembranças, nostalgia, solidão, alegria. Recupera sons matinais dos pássaros e a ave-maria vespertina. Apresenta a paisagem em luz e sombra. Junta tempo e espaço, para compreender a história de um lugar habitado por gente, não por personagens. É alerta para perdas.

E se mesmo assim, com tanto amor, um dia, do Morro da Conceição restar apenas uma paisagem, animada por novos usos e outros moradores e usuários, será possível recuperar o patrimônio cultural vendo e ouvindo dona Iria, seu Feijão, seu João, seu Chapéu, dona Duda, dona Alzira